

Sistema  
Fiep



# INDÚSTRIA

em revista

Jan a Mar/2018 | Ano V nº17

**Millennials:** Patrícia Costa, gerente de marketing, explica por que o setor industrial precisa prestar atenção na geração Y.



## RECURSOS HUMANOS

Como as empresas podem incentivar os hábitos saudáveis na equipe

## DA TERRA DOS PINHEIRAIS

Conheça os produtos paranaenses que conquistaram o mundo

# PERSPECTIVAS PARA 2018

Ano começa com expectativa de retomada econômica, mas cenário eleitoral ainda gera incertezas.

# ≡ Sistema Fiep

## ≡ Sempre indústria.

Integrar é somar forças, por isso, o **Sistema Fiep** reúne as expertises de **Fiep, Sesi, Senai e IEL** para oferecer **excelência** em serviços que impactam nas principais áreas da sua empresa:

- Inovação e gestão de tecnologia para atender às necessidades atuais e futuras.
- Segurança e saúde para trabalhadores e familiares, promovendo a produtividade.
- Educação da alfabetização até MBA, formando os novos profissionais da indústria.
- Gestão e consultorias estratégicas, adequadas às realidades do mercado e da empresa.

Além de representar todas as indústrias do Paraná, defendendo os interesses do setor e contribuindo para elevar a competitividade e o pleno desenvolvimento industrial.

# NESTA EDIÇÃO

## LEITURA RÁPIDA . 05

## PALAVRA DO PRESIDENTE . 06

## VIÉS . 07

## FALOU E DISSE . 07

## AGENDA . 07

## SABER É CULTURA . 08

## OPINIÃO . 09

Patrícia Costa

## ENTREVISTA . 11

Cassio Dreyfuss

## DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL . 14

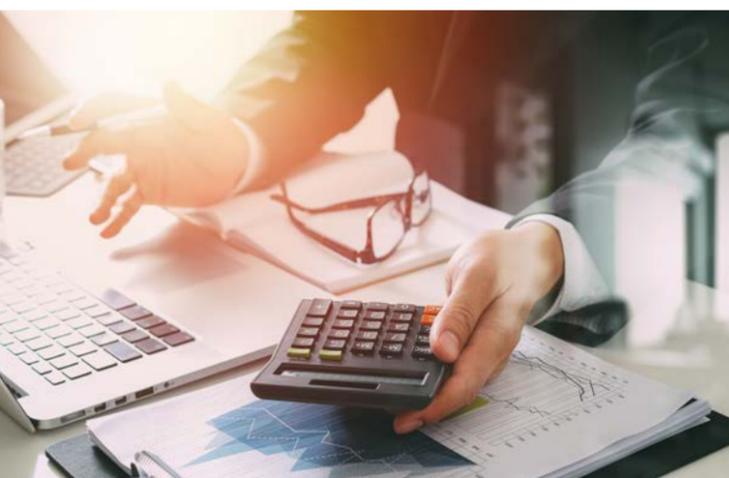
Associativismo: a união que supera dificuldades

## CAPA . 18

A retomada econômica e as incertezas de 2018

## TENDÊNCIA . 24

A versatilidade e praticidade das impressoras 3D



## LEI E TRABALHO . 28

O que as câmaras de arbitragem podem oferecer para sua empresa

## SÉRIE POLO INDUSTRIAL . 31

O sucesso do setor moveleiro paranaense no Brasil

## RECURSOS HUMANOS . 36

Hábitos que fazem bem à saúde e ao caixa

## FORMAÇÃO . 40

As vantagens do aprendiz para a comunidade e a indústria

## DA TERRA DOS PINHEIRAIS . 43

Conheça os produtos paranaenses que são sucesso no mundo

## GENTE DA INDÚSTRIA . 49

## GIRO PELOS SINDICATOS . 50

## LEITURA RÁPIDA



### NOTAS DA INDÚSTRIA DO PARANÁ

#### Modernização trabalhista no app

Desde novembro, as relações trabalhistas têm novas regras. Mas como saber o que há de novo entre os 106 artigos da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) inseridos, alterados e revogados pela Lei nº 13.467/2017? Pensando nisso, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) lançou o aplicativo Conexão RT. Disponível para os sistemas iOS e Android, a ferramenta interativa permite a pesquisa de novas regras e a comparação da antiga CLT com a Lei nº 13.467/17.

**Funcionalidades** – Ao pesquisar, por exemplo, sobre o tema “férias”, o internauta conhecerá todos os dispositivos da nova legislação que alteraram esse item, como o que permitiu a divisão das férias em até três períodos, inclusive para maiores de 50 anos, possibilidade inexistente pela antiga lei. Em cada tema pode-se obter um quadro comparativo entre a antiga e a nova lei. Será possível, ainda, marcar assuntos de preferência e compartilhar, enviar por e-mail e imprimir as informações que considerar mais relevantes.

#### Parceria pela conscientização política

O Sistema Federação das Indústrias do Paraná (Sistema Fiep) e o Tribunal Regional Eleitoral paranaense (TRE) assinaram um termo de cooperação no final do ano para incentivar o voto consciente. O presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo, afirmou que o objetivo é fortalecer as ações que já acontecem por meio do Vote Bem – um movimento apartidário, de conscientização política, que existe desde 2014 e busca estimular a reflexão sobre o voto responsável. Mais de 11 mil alunos do Sistema Fiep foram impactados com as ações do Vote Bem em 2017.

Em regiões onde há unidades do Sistema Fiep, o TRE do Paraná deverá cooperar com os projetos da Escola Judiciária Eleitoral, como o Parlamento Jovem – uma simulação de eleição para alunos do Ensino Médio – e o Partiu Mudar! – programa da Organização das Nações Unidas (ONU) e do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que possui uma metodologia de ensino para temas ligados à democracia e à cidadania.



PRESIDENTE DO TRE, ADALBERTO JORGE XISTO PEREIRA, E PRESIDENTE DO SISTEMA FIEP, EDSON CAMPAGNOLO, ASSINAM TERMO DE COOPERAÇÃO.

## EXPEDIENTE

### SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ

#### PRESIDENTE

Edson Campagnolo

#### SUPERINTENDENTE DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO PARANÁ (FIEP)

Reinaldo Tockus

#### SUPERINTENDENTE DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI) E INSTITUTO EUVALDO LODI (IEL) E DIRETOR REGIONAL DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)

José Antonio Fares

### A INDÚSTRIA EM REVISTA É UMA PUBLICAÇÃO OFICIAL DO SISTEMA FIEP

#### COMITÊ DE COMUNICAÇÃO

Carlos Walter Martins Pedro, Paulo Roberto Pupo, Abílio de Oliveira Santana

#### GERÊNCIA EXECUTIVA DE MARKETING INSTITUCIONAL

Adriana Brandão

#### GERÊNCIA CORPORATIVA DE MARKETING INSTITUCIONAL

Thaís Cristiane da Silva

#### JORNALISTA RESPONSÁVEL

Denise Morini (4760/DRT-PR)

#### EDIÇÃO, PROJETO GRÁFICO, ARTE E DIAGRAMAÇÃO

433 AG - 433.ag

#### BANCO DE IMAGENS

Shutterstock

#### IMPRESSÃO

Graciosa Gráfica e Editora

#### TIRAGEM

10 mil exemplares

Comentários, críticas e sugestões, escreva para: [industriaemrevista@sistemafiep.org.br](mailto:industriaemrevista@sistemafiep.org.br)



**EDSON CAMPAGNOLO**  
Presidente do Sistema Fiep

## PALAVRA DO PRESIDENTE

Chegamos a 2018. Diante de todas as turbulências políticas e econômicas vividas pelo País recentemente, não restam dúvidas de que este é um ano decisivo para o futuro do Brasil.

Primeiro pelo cenário econômico. Depois de fortes quedas no Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2015 e 2016, finalmente vislumbramos um início de recuperação em 2017. Superado o pior da recessão, a expectativa da grande maioria dos economistas é que o País vivencie uma retomada da atividade em ritmo mais acelerado e um horizonte mais promissor para os negócios neste 2018.

Essa tendência de recuperação, porém, pode ser colocada a perder pelo segundo – e mais importante – motivo que torna 2018 um ano decisivo: as eleições. Em outubro, os brasileiros irão às urnas para escolher o próximo presidente da República, governadores, senadores, deputados federais e estaduais.

Está mais do que claro que a sociedade não tolera a forma como nosso País vem sendo conduzido. Os escândalos de corrupção, somados à falta de eficiência da gestão pública, evidenciam que o Brasil precisa passar por uma completa transformação. Mas isso só vai acontecer se cada cidadão, cada eleitor, colocar a mão na consciência, analisar criteriosamente os candidatos e ajudar a eleger parlamentares e governantes comprometidos com os anseios da sociedade.

Se perdermos essa oportunidade, deixando no poder os mesmos de sempre, que se servem do País ao invés de servi-lo, estaremos mais uma vez retardando o desenvolvimento do Brasil. Precisamos de pessoas que, de fato, pensem no País em longo prazo, colocando o planejamento do futuro acima de interesses pessoais ou partidários.

É justamente uma análise das perspectivas para os cenários econômico e eleitoral do Brasil em 2018 que trazemos na matéria de capa desta Indústria em Revista. Esta edição mostra, ainda, que as empresas seguem buscando caminhos para aumentar sua produtividade e conquistar novos mercados. Entre outras iniciativas, apresentamos casos de instituições que investem na promoção da saúde de seus colaboradores, de fabricantes paranaenses que fornecem para grandes marcas ou que apostam em mercados diferenciados e das companhias que utilizam impressoras 3D em etapas de seus processos produtivos.

Boa leitura!

## VIÉS

## O SOBE E DESCE DA INDÚSTRIA



### ↑ SOBE

#### Industriais otimistas

A Sondagem Industrial realizada anualmente pela Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) em parceria com o Sebrae revelou que 63,5% dos industriais têm expectativas favoráveis para 2018. No ano passado, 55,1% dos entrevistados estavam otimistas. A Sondagem é um estudo, apresentado sempre em dezembro, que aponta perspectivas do setor industrial para o próximo ano.

### ↓ DESCE

#### Menor expressividade

Ainda na Sondagem, as estratégias que devem ser de maior importância para o setor industrial se mantêm as mesmas de 2017, porém com menor expressividade. “Desenvolvimento de negócios” e “Satisfação do cliente” continuam sendo temas prioritários, mas que perdem pontos para outras ações. “Desenvolvimento de negócios” caiu de 58,8% para 53,7%, e “Satisfação do cliente” de 58% para 51%.

## FALOU E DISSE

## AS FRASES MARCANTES DO SETOR



*“É a desobediência, dentro da ética, que promove avanços e inovação.”*

#### GIL GIARELLI

Especialista em cultura digital, durante o Fórum IEL de Carreiras, realizado no dia 31 de outubro de 2017, no Campus da Indústria do Sistema Fiep, em Curitiba.

*“Cinco são os componentes básicos em um projeto de inovação. Primeiro, precisa ter risco, caso contrário não é inovador. Segundo, abrangência e intensidade de inovação. Terceiro, visibilidade clara – é preciso estudar as barreiras para não lançar produtos cegamente e desperdiçar recursos. Quarto, fazer um checklist de impactos de retorno. E, por último, os projetos em um país desigual como o nosso precisam gerar benefícios socioeconômicos e ambientais. Se tiver todos os fatores, certamente dará certo e terá financiamento.”*

#### MARCELO CAMARGO

Responsável pelo Departamento de Programas Descentralizados (DPDE) da Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), durante o evento de encerramento do Tecnova, realizado em Curitiba, no Campus da Indústria, dia 18 de outubro de 2017.

## AGENDA

## EVENTOS DO SETOR



#### First Lego League em Curitiba

De 16 a 18 de março, Curitiba vai sediar a etapa nacional do **Torneio de Robótica First Lego League (FLL)**. O evento vai reunir 1.100 estudantes de 9 a 16 anos, do Ensino Fundamental e Médio de todo o Brasil, que foram selecionados em etapas regionais nas escolas. É a primeira vez que o torneio acontece fora de Brasília. A iniciativa é da FLL, organização não governamental da Lego, e o Sesi Nacional é o operador do torneio no Brasil. Os vencedores poderão participar do torneio internacional, ainda sem data e local definido.

**Data:** 16 a 18 de março de 2018

**Local:** Pavilhão Horário Coimbra (Campus da Indústria) – Curitiba

**Informações:** (41) 3271- 9078 ou [www.portaldaindustria.com.br/sesi/canais/torneio-de-robotica/](http://www.portaldaindustria.com.br/sesi/canais/torneio-de-robotica/)

#### Smart City

Curitiba vai sediar a primeira edição brasileira do maior evento sobre cidades inteligentes do planeta. O Smart City Expo World Congress acontece de 28 de fevereiro a 1º de março, reunindo 36 palestrantes nacionais e 18 estrangeiros. O evento vai explorar a inovação como motor de desenvolvimento econômico. A programação inclui apresentação de cases de cidades que adotaram o conceito “smart city”.

**Data:** 28 de fevereiro e 1º de março de 2018

**Local:** Expo Renault Barigui

**Mais informações:** [www.smartcityexpo.com](http://www.smartcityexpo.com)

Confira outros eventos do setor:  
[www.goo.gl/xzoM71](http://www.goo.gl/xzoM71)





## Novos espaços e parcerias nacionais

*Sistema Fiep comemora sucesso das ações da sua área de Cultura e vê um 2018 ainda mais promissor*

Promover a cultura em todas as regiões do Paraná é um dos objetivos da área de Cultura do Sistema Fiep. É por isso que ao longo de 2017 mais de mil ações foram realizadas, beneficiando 613 empresas e atingindo mais de 50 mil espectadores com projetos para trabalhadores da indústria e seus familiares, alunos de escolas públicas e do Colégio Sesi, colaboradores do Sistema Fiep e comunidade em geral.

O Festival de Música do Sistema Fiep é uma dessas iniciativas. Em 2017, completou 15 anos e foi reformulado. No novo formato, foram realizadas seis etapas regionais com 155 inscritos e o encerramento em Curitiba, com 24 finalistas, teve cerimônia conduzida por grandes nomes da música local.

No Circuito Cultural Sesi a atuação é voltada à formação de plateia e difusão de espetáculos de teatro, música, dança ou circo. Os sete grupos selecionados neste ano, por meio de um edital, percorreram 12 cidades, com mais de 12 mil espectadores e 150 empresas atendidas em espaços próprios do Sesi ou em teatros cedidos por prefeituras.

"Neste ano tivemos um maior número de empresas atendidas, além de um expressivo salto de participantes. Isso é fruto da nossa estratégia, de optar em investir em nossos espaços culturais, otimizando sua infraestrutura e ampliando os atendimentos", reforça a gerente de Cultura, Anna Zetola. ■



### De olho em 2018

O ano que se inicia promete novidades. Está prevista a ampliação da área de atuação e novas parcerias, além da inauguração de teatros do Sesi em Guarapuava e Santo Antônio da Platina e do novo Centro Cultural, na Rua Paula Gomes, em Curitiba. A Cultura será ainda mais difundida com o uso da unidade móvel que irá percorrer as regiões com menos acesso a ela no interior do Estado. A expectativa para 2018 é de novos programas culturais e integração de projetos, com parcerias com o Sesi São Paulo e Sesi Rio de Janeiro. "Os três Estados se uniram para troca de projetos, programas culturais e artistas, com foco na valorização local e a circulação dos bens e serviços culturais", conta Zetola.

Saiba mais em [www.sesipr.org.br/cultura](http://www.sesipr.org.br/cultura).

- + 1 mil ações
- + 50 mil espectadores
- + 600 empresas



### OPINIÃO

## Millennials, uma geração que sua empresa precisa conhecer

por *Patrícia Costa*

Por que o setor industrial de bens de consumo deve estar atento à geração Y ou Millennials, como são mais conhecidos? Devido a pelo menos dois fatores principais. Hoje em dia já representam mais de 20% da população global e serão a maior geração ativa da história, com poder de compra na casa dos US\$ 2,45 trilhões. Segundo a Revista Forbes, em 2020, só nos EUA irão compor metade da força de trabalho. Para além disso, eles são completamente disruptivos para os negócios em função do seu comportamento de consumo. A maneira como escolhem as marcas e consomem produtos é de tal forma diferente das gerações anteriores que irá transformar por completo as empresas que queiram servir esta geração. Ao impactar o negócio, impactará por consequência o setor industrial, pois ele é essencial na disponibilização de produtos da maneira que estes jovens desejam: mais rapidamente, mais sustentáveis, mais versáteis, mais customizáveis e personalizáveis.

Essa geração cresceu em um mundo altamente tecnológico, conectado e com fácil acesso à informação. Por essa razão já

tem o conceito de globalização naturalmente assimilado. Esses nativos digitais estão o tempo todo online. Acompanham as inovações, atualizam-se em tempo real e, graças às mídias sociais e sua habilidade de compartilhar e comentar as últimas tendências, sabem o que está acontecendo com seus pares o tempo todo. Para eles não existem barreiras como fronteiras ou fuso horário. O fato de poder ser considerada a geração mais influente que já existiu está diretamente relacionado com esta conectividade permanente e o poder de comunicação e acessibilidade nunca antes visto. O que eles pensam, vivem e experimentam é muito mais propagado, logo o seu poder de influência é enorme e inédito.

Por isso, ignorar as características dessa geração pode ser um grande risco para as empresas que pretendem se manter no mercado pelos próximos anos. Considerando que os Millennials chegam em um momento de grande transformação no mundo, ignorar as suas peculiaridades significa ignorar as mudanças que ocorrem neste momento. Isso pode representar não só a perda de conexão com as transformações

atuais, como também com tudo o que virá a seguir. Qualquer empresa desatenta ao mercado e desconectada com inovação e evolução de consumo está em risco.

Outro ponto importante a se refletir é sobre como esta geração encara o trabalho. Como uma empresa conseguirá manter um ambiente organizacional atrativo para estas pessoas que estão entrando agora no mercado de trabalho? Em termos profissionais esta é uma geração complexa e que encara um futuro profissional igualmente complexo. Não nos esqueçamos de que cada vez mais temos profissões sendo substituídas por serviços ou por algum tipo de automatização. Adicionalmente, é difícil para uma instituição de ensino preparar um aluno para o mercado de trabalho que ele encontrará daí a quatro anos, quando terminar o curso. Lembro-me que quando iniciei a universidade, o Facebook ainda não estava amplamente disseminado na Europa, por exemplo, e que a profissão de *social media manager* ou *community manager* nem existia. E eu sou uma Millennial!

Por outro lado, tal como no consumo, os Millennials, buscam ser e não ter. Logo, é muito importante que eles se identifiquem com a empresa para a qual trabalham e que possam sentir que a função desempenhada tem um significado. Uma empresa conectada ao bem-estar da sociedade tem mais chances de atrair esse público. O que isso significa? Significa produzir de forma consciente e responsável, utilizando os recursos de forma sustentável, por exemplo. Outro ponto de atração para um público tão ligado em tecnologia é o nível de inovação presente na empresa. Seja no que se refere ao processo produtivo, seja em todas as etapas de criação e desenvolvimento de produtos.

Finalmente, não podemos nos esquecer que as características que descrevemos dos Millennials são apenas guias. Não podemos esperar que um Millennial de um país desenvolvido se comporte de forma igual a um Millennial de um país emergente, pois os seus comportamentos são amplamente afetados pela sua realidade local. O importante é estar atento para esta nova realidade que esses jovens propõem, em que a regra é a mudança constante. ■



“

A MANEIRA COMO ESCOLHEM AS MARCAS E CONSOMEM PRODUTOS É DE TAL FORMA DIFERENTE DAS GERAÇÕES ANTERIORES QUE IRÁ TRANSFORMAR POR COMPLETO AS EMPRESAS QUE QUEIRAM SERVIR ESTA GERAÇÃO. ”

PATRÍCIA COSTA É PORTUGUESA, DE CASCAIS, E TEM FORMAÇÃO EM MARKETING PELA QUEEN MARGARET UNIVERSITY, ESCÓCIA. TRABALHOU NA IBM E NA ALTITUDE SOFTWARE ESPANHA EM FUNÇÕES DE ADMINISTRAÇÃO DE MARKETING, EM PORTUGAL, REINO UNIDO, NORTE DA EUROPA E NO BRASIL. ATUA COMO DIRETORA DE MARKETING DA LECTRA AMÉRICA DO SUL DESDE 2016.



Saiba como o setor de alimentos já está de olho nesse público.

## “Na abordagem digital são as informações externas e dinâmicas que orientam os processos”

*O vice-presidente de pesquisa do Gartner Research, Cassio Dreyfuss, garante que o ponto central dessa quarta revolução industrial é a velocidade. Nesta entrevista ele contextualiza conceitos como gestão de informação e educação, e explica como empresas mais resistentes a este movimento podem ser menos sustentáveis com o passar do tempo.*

por Denise Morini

**O senhor disse recentemente, em um evento na Fiep, que organizações devem se preparar para mudar sua forma de operar por comando e controle para trabalhar com liderança e colaboração. Quais seriam as primeiras providências para essa migração?**

É importante fazer uma análise crítica em relação aos métodos de trabalho empregados hoje. Há anos as empresas estacionaram em esquemas de produção que garantiram eficiência e regularidade, mas esses já não são mais padrões apropriados para o nosso atual mundo de incertezas, que vive da análise da situação para definir quais e como serão as soluções. Algumas áreas e setores têm processos de eficiência bem consolidados e que sofrem pouca ou nenhuma interferência de fatores externos – e, para esses casos, podemos

“ O PROBLEMA SURGE QUANDO HÁ A NECESSIDADE DE PROCESSOS MAIS ÁGEIS, FLEXÍVEIS, CRIATIVOS, COM MAIS PARTICIPAÇÃO DAS PESSOAS. QUANDO SURGE ESSA NECESSIDADE, É HORA DE MUDAR. ”



**CASSIO DREYFUSS**

é vice-presidente da Gartner Research, instituto de pesquisa na área de tecnologia. Recentemente, foi considerado um dos 50 executivos de TI mais importantes da América Latina, pelo Conselho Executivo Hispânico sobre Tecnologia da Informação, o Hitec. Dreyfuss foi consultor na Atos Origin e tem 44 anos de experiência na área de tecnologia.

deixar as coisas como estão. O problema surge quando há a necessidade de processos mais ágeis, flexíveis, criativos, com mais participação das pessoas. Quando surge essa necessidade, é hora de mudar. Quanto mais dinâmica for a atividade da organização, mais voltada à competitividade, mais essa instituição precisa mudar e estar atenta a seu momento de negócio. Chamo “momento de negócio” a situação que surge a partir do cenário que muda a cada dia, com novas oportunidades e novas ameaças inesperadas, que exigem reação do negócio, que ninguém poderia prever. O que aprendi quando era gerente de projetos tem que ser jogado no lixo: a ideia de colocar um rótulo, criar uma pasta e guardar não faz mais sentido. Hoje em dia, guardar informação é um conceito estranho. Está na nuvem. Se no foco tradicional das empresas as informações eram armazenadas como parte de um histórico para a tomada das decisões, na abordagem digital são as informações externas e dinâmicas que orientam os processos.

**Quais são as áreas, dentro das indústrias, que mais devem mudar sua forma de atuação? Há setores industriais que verão primeiro essas transformações?**

Realizei, há alguns anos, um workshop sobre oportunidades de negócios para uma grande empresa do setor de mineração. Podemos extrair vários exemplos dessa situação. O que acontece é que um plano de exploração de uma mina usa a escala de décadas até que seja concluído. Na outra ponta do mesmo negócio, o setor financeiro dessa empresa tem contratos em todas as moedas do mundo, e tem que tomar decisões em cima dos fatos. A abertura da bolsa de Tóquio ou de Pequim pode mudar tudo. Ou seja, o que está em contato com esse mundo instável, deve mudar logo.

Quanto aos setores, em uma ponta temos alguns com cenários extremamente ágeis, como o financeiro, de seguros e de varejo. No outro extremo, aqueles com processos mais lentos, como as empresas das áreas de mineração e construção pesada.

**E como, a partir dessa mudança na gestão da informação, as empresas devem mudar sua forma de funcionamento? E ainda, esses processos mais dinâmicos em projetos serão acessíveis também às pequenas indústrias?**

Estamos fragmentando empresas em vários componentes para objetivos específicos, com caixinhas, componentes e en-

tregas específicas para otimizar. Hoje tem analista de negócios ou gerente de relacionamentos, e queremos otimizar requisitos para otimizar soluções. Nesse novo modelo, de indústria 4.0, os processos deverão partir de uma área de arquitetura. Uma vez desenhada a estrutura dessa construção necessária para a entrega do projeto, entra em cena o gerente de projetos, que terá baixíssimos índices de erros – porque com essa necessidade de constante eficiência e qualidade de resposta, a gestão é muito mais complexa. A forma de se relacionar deve ser mais solta e essa é uma grande dificuldade. Nesse próximo novo estágio teremos grupos de trabalho em que pessoas terão um papel – e não uma função. Sua função pode ser de um programador, ou de um vendedor, mas você pode ser levado a desenvolver uma solução em que terá outra atuação, porque suas habilidades poderão ajudar a encontrar uma resposta mais apropriada para a situação, com uma abordagem diferenciada.

Empresas pequenas têm muito mais facilidade de comunicação entre pessoas. No entanto, mudanças exigem foco e disciplina. E pequenas têm alto nível de informalidade. O ponto forte dessas empresas é seu potencial de relacionamento.

**Qual o impacto desta revolução em processos para a educação?**

Esta geração que está chegando já está preparada para essa nova realidade. Eu, por exemplo, aprendo com meus netos. E as possibilidades de transformação nessa área são fascinantes. Nossas gerações estudaram em classes, que era o que entendíamos por um espaço fechado, com um professor e um mesmo conteúdo para um grupo de pessoas. Esse conceito de classe deve mudar muito. Nessa nova realidade, eu mesmo poderei criar um processo de educação voltado ao meu nível de conhecimento, com a velocidade que eu quero aprender, e a classe será formada por pessoas com essas mesmas características, na nuvem. O professor passará a ser um facilitador

“ O PROFESSOR PASSARÁ A SER UM FACILITADOR DESSE APRENDIZADO, PORQUE O DIFÍCIL PARA A MUDANÇA SÃO AS PESSOAS E NÃO AS TECNOLOGIAS. ”

desse aprendizado, porque o difícil para a mudança são as pessoas e não as tecnologias. Muitas escolas já caminham nesse sentido. Escolas de Administração com créditos em educação a distância em outras instituições já são uma realidade.

**Dentro de quanto tempo deveremos ver essa nova realidade dentro das indústrias?**

Esses processos já estão acontecendo em algumas áreas. Dois exemplos: como referência do mundo ágil, posso falar sobre a GE, que há décadas é líder em processos de gestão flexíveis, novas ferramentas, cultura de mudança. O estilo de liderança da GE conduz à mudança. Num outro extremo, temos a Telefônica de Espanha – que, como outras empresas de telefonia, tem processos antigos, que passam fios de cobre sob ruas –, que agora anunciou um processo de transformação da empresa, em seus diferentes núcleos ao redor do mundo. Esse anúncio deve provocar algum tipo de resistência, porque entra em conflito com a cultura da empresa. A facilidade em absorver esse conceito de indústria 4.0 tem a ver com o DNA do negócio.

Se a última revolução industrial levou de 30 a 40 anos para transformar a linha de produção de todas as empresas, essa quarta revolução acontecerá em poucos anos. E o ponto central dessa nova mudança é exatamente a velocidade. ■

“ SE A ÚLTIMA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL LEVOU DE 30 A 40 ANOS PARA TRANSFORMAR A LINHA DE PRODUÇÃO DE TODAS AS EMPRESAS, ESSA QUARTA REVOLUÇÃO ACONTECERÁ EM POUCOS ANOS. ”





# Associar para evoluir

*Ações criativas e de impacto econômico, e compartilhamento de benefícios estão entre os principais diferenciais de sindicatos considerados atrativos*

*Da redação*

“ ENTENDEMOS QUE TERÍAMOS ENTÃO QUE SER INCORPORADOS POR OUTRO SINDICATO QUE TIVESSE PÚBLICOS E PROPÓSITOS PARECIDOS. ”

LETÍCIA BIROLI FERREIRA, PRESIDENTE DO ENTÃO SINDIVEST - PARANÁ.

Para o setor industrial, não faltam argumentos em defesa do associativismo. É por meio do sindicato que a indústria consegue realizar suas negociações coletivas, acessar serviços que a tornam mais competitiva e consegue se fazer ouvir pelo governo, por exemplo. “Se a demanda é comum a várias empresas, o sindicato abraça a causa e representa o setor. E assim, o diálogo com o Poder Público fica mais fácil, porque há a compreensão de que é o pedido de um grupo”, acredita Erlon Ribeiro, empresário da construtora Andrade Ribeiro. Ele lembra que o programa Minha Casa, Minha Vida, do governo federal, saiu do papel por força dos sindicatos da Construção Civil. “Era um período de adaptação para muitas empresas do setor, que sabiam da necessidade de inúmeros novos compradores no mercado. Mas as condições de financiamento da obra, na época, não favoreciam o investimento. Depois de inúmeras conversas do setor com o governo, conseguimos finalmente a aprovação do programa, que foi um dos mais importantes dos últimos anos – não só para o setor como também para muitas famílias brasileiras”, lembra Ribeiro, que acredita que a tendência é que os sindicatos menores se agrupem para ganhar força de negociação e para aumentar a carteira de serviços ofertados a seus associados.

No Paraná, surgiu um dos primeiros casos de incorporação de sindicatos, após o fim da obrigatoriedade da contribuição sindical. A iniciativa chamou a atenção da Confederação Nacional da Indústria (CNI), que quer divulgar a ação como uma boa prática. Os antigos Sindicato das Indústrias do Vestuário de Curitiba e Sudeste do Estado do Paraná (Sindinvest) e Sindicato das Indústrias de Artefatos de Couro do Estado do Paraná (Sindicouro) uniram esforços na busca das melhores soluções para as indústrias do setor do vestuário. “Nós já estávamos com um processo no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) para alterar nossa base territorial quando avaliamos que a incorporação seria uma boa alternativa para nos mantermos atrativos. Como o MTE não permite a tramitação de dois processos ao mesmo tempo, entendemos que teríamos então que ser incorporados por outro sindicato que tivesse públicos e propósitos parecidos”, explica Letícia Birolli Ferreira, presidente do então Sindinvest - Paraná.

“ AGORA, NOSSA META É PENSARMOS JUNTOS POR NOVOS SERVIÇOS QUE IMPULSIONEM AINDA MAIS NOSSOS ASSOCIADOS. ”

NEURY MACIONKI, PRESIDENTE DO ANTIGO SINDICOURO.

Com uma assembleia realizada em dezembro de 2017, os dois sindicatos decidiram pela incorporação, com a elaboração de uma chapa conjunta, eleição em janeiro e posse em fevereiro. “O processo exigia celeridade e queremos mostrar ao microempresário que podemos fazer diferença em sua busca pela competitividade”, explica Neury Macionki, presidente do então Sindicouro, que contava com aproximadamente 600 empresas associadas. Além de trabalhar com uma base semelhante, com desafios parecidos e mesmos insumos (a maioria das empresas do setor de couro passou a usar há algum tempo materiais sintéticos), os dois sindicatos dividiriam o mesmo espaço físico, na Casa da Indústria de Curitiba. Já estaríamos atendendo no mesmo endereço. Agora, nossa meta é pensarmos juntos por novos serviços que impulsionem ainda mais nossos associados”, conta Macionki.



LETÍCIA BIROLLI FERREIRA E NEURY MACIONKI (AO CENTRO) NA INAUGURAÇÃO DA CASA DA INDÚSTRIA DE CURITIBA: MAIS QUE COMPARTILHAR O MESMO ESPAÇO, UNIÃO DO SINDIVEST E SINDICOURO REPRESENTA VANTAGEM COMPETITIVA AOS ASSOCIADOS.

A CNI lança agora em março uma série de ações para preparar os sindicatos industriais para este novo momento. “São ações estruturadas sob cinco eixos de atuação: mobilização e relacionamento sindical, gestão sindical, formação de líderes e executivos, inteligência sindical e prestação de serviços, com o objetivo de aumentar o portfólio de serviços do sindicato para a empresa”, explica Camilla Cavalcanti, gerente executiva de Desenvolvimento Associativo da CNI. “Queremos também promover a troca de boas práticas entre sindicatos de todo o Brasil. Se há algo que é atrativo para nossos industriais é porque agrega valor para seu negócio. E é isso que queremos de nossos sindicatos. Que sejam o ponto de partida para grandes conquistas do setor.” ■

“ É ISSO QUE QUEREMOS DE NOSSOS SINDICATOS. QUE SEJAM O PONTO DE PARTIDA PARA GRANDES CONQUISTAS DO SETOR. ”

CAMILLA CAVALCANTI,  
GERENTE EXECUTIVA  
DE DESENVOLVIMENTO  
ASSOCIATIVO DA CNI.



# Um ano de retomada, mas ainda com incertezas

*Especialistas esperam maior crescimento da economia brasileira em 2018, mas apontam cenário eleitoral como fator de grande preocupação*

*por Rodrigo Lopes*

Nos últimos anos, a Economia brasileira viveu um período de extrema turbulência. Decisões equivocadas por parte do governo ao longo do tempo, aliadas a uma das mais graves crises políticas da história do País, levaram o Brasil a uma profunda recessão. Os reflexos sobre o setor produtivo como um todo, e sobre a indústria em especial, foram cruéis, com queda nas vendas, aumento da capacidade ociosa, adiamento de investimentos e, principalmente, fechamento de milhões de postos de trabalho.

Em 2017, finalmente vários indicadores econômicos apontaram que o País saiu do fundo do poço. Ainda assim, ao entrar em 2018 uma dúvida permanece: o industrial pode esperar um ano próspero e seguro para seus negócios? Especialistas garantem que o cenário é positivo, mas com alguns fatores de incerteza. O maior deles: as eleições gerais de outubro.

Um dos principais motivos de otimismo para uma maior recuperação da economia neste ano é a combinação de inflação controlada e taxas de juros baixas. A previsão para a primeira é que fique em torno de 4%, abaixo da meta estabelecida de 4,5%. Já a segunda deve se manter na casa de 7%, um índice ainda elevado em comparação com o de outros países, mas no patamar mais baixo registrado no Brasil após o Plano Real. "Para os nossos padrões, a taxa de juros está baixa e tem potencial importante para melhorar a oferta de crédito", afirma o diretor de macroecono-

mia da LCA Consultores, Fernando Sampaio. "Temos também uma melhora da confiança de empresários e consumidores, ainda não muito alta, mas com uma recuperação importante. Maior confiança com um dinheiro bem mais barato são os dois grandes vetores para uma recuperação econômica", acrescenta o economista.

Opinião parecida tem o professor doutor e diretor da Faculdade de Economia, Administração, Contábeis e Atuariais da PUC-SP, Antonio Corrêa de Lacerda. "Os indicadores mais recentes de produção, consumo e emprego denotam que o pior já passou e lentamente temos o início de uma tênue recuperação", diz. Ele alerta, porém, que somente a melhora na confiança não é suficiente para sustentar uma retomada vigorosa da economia, especialmente no que se refere a investimentos. "O nível de investimento atual é cerca de 30% inferior ao de 2014, o que revela a grandeza do desafio. Embora a confiança seja importante, ela por si só não garante um ambiente promissor para estimular a produção, o consumo e os investimentos. As empresas não tomam decisões apenas levando em conta o grau de confiança, mas a expectativa de desempenho futuro da economia", analisa Lacerda, que é também membro do Conselho de Política Econômica da Confederação Nacional da Indústria (CNI).

Em relação a esse desempenho futuro, um dos fatores que mais podem influenciar é o comportamento do consumo. O diretor-presidente do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes), Julio Takeshi Suzuki Jr., afirma que essa foi uma "armadilha" construída na economia brasileira nos últimos anos. "Hoje, o consumo das famílias e do governo representa quase 80% do PIB (Produto Interno Bruto). Isso faz com que o crescimento do PIB dependa muito do consumo, por isso as famílias têm que voltar às compras", explica. Segundo ele, ao longo de 2017 já houve uma melhora significativa nos níveis de consumo, sustentando a leve recuperação registrada no PIB. Tendência que deve se acentuar ao longo de 2018.

Para Fernando Sampaio, da LCA, essa retomada deve beneficiar setores industriais que estão justamente mais próximos do consumo, como o de alimentos, vestuário, eletrônicos e até mesmo de produtos com maior valor agregado, como veículos automotivos. "Já quem está na cadeia do investimento vai ter um ano muito melhor, mas ainda não será o ideal", afirma o economista, colocando nessa categoria setores como a

construção civil e a indústria de bens de capital, como máquinas e equipamentos.

## Expectativas para o Paraná

Seguindo a perspectiva nacional, a economia paranaense também deve apresentar novo crescimento neste ano. "Em princípio, sempre que há crescimento nacional, o Paraná costuma crescer acima da média, mas em 2018 isso vai depender do tamanho da influência do agronegócio", explica o gerente de Economia, Fomento e Desenvolvimento da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), Marcelo Percicotti. "Para este ano, a agricultura tem previsão de crescimento bem menor do que em 2017, quando tivemos supersafra. Isso acaba tendo impacto para a economia paranaense, que é muito baseada no agronegócio", completa.

Julio Suzuki Jr., do Ipardes, confirma a tese. Segundo ele, para 2017 a previsão é de que o PIB brasileiro tenha crescido em torno de 0,7% – os dados consolidados são divulgados em março. Já a alta do PIB do Paraná deve ficar em 2%. "Para 2018, a previsão é de crescimento de 2,5% para o Brasil, e o Paraná deve ficar próximo disso também, com algo entre 2% e 2,5%. Não teremos supersafra, mas indústrias e serviços devem continuar crescendo, compensando", declara.

Pericotti ressalta, no entanto, que essa retomada da produção industrial, puxada pelo consumo, não deve se reverter em ampliação dos investimentos no setor. Isso porque, antes, as empresas devem reocupar a capacidade ociosa gerada durante a crise. "Novos investimentos serão ainda tímidos no primeiro semestre, com um volume maior a partir do segundo semestre", justifica. A exceção fica por conta de setores voltados também ao mercado internacional, como o automotivo, metalmeccânico, papel e celulose e o de carnes. "Esses setores têm mais possibilidades de retomada de investimentos para aumento da produção e geração de empregos", diz.

É o caso da Atlas Schindler, multinacional de origem suíça que tem fábrica em Londrina, no Norte do Paraná. Em 2017, a empresa anunciou um investimento de R\$ 100 mi-

lhões no Brasil, a maior parte na unidade paranaense, que produz escadas e esteiras rolantes e elevadores. O diretor industrial e de *supply chain*, José Julio Pereira, explica que, além de suprir o mercado interno, a fábrica é plataforma de exportação do Grupo Schindler, atendendo países como México, Chile e Argentina. "Desde 2016 promovemos fortes investimentos em nossas instalações, em desenvolvimento de colaboradores e aprimoramento de processos. Com os investimentos na unidade de produção de Londrina, a fábrica passa a contar com processos alinhados com a plataforma global da Schindler", afirma. "Essa padronização no processo busca assegurar o mesmo nível de produtividade e qualidade em todas as unidades do mundo", completa.

De acordo com Pereira, o período de recessão impactou a venda de novos equipamentos no Brasil, mas a companhia acabou não sendo afetada devido a suas outras linhas de negócio, como manutenção e modernização dos produtos já instalados. A empresa espera, a partir de 2018, um incremento nas encomendas. "Há perspectivas de uma retomada do mercado, ainda que gradual, a partir de uma demanda em infraestrutura e moradias, e estamos preparados para esse

“ A ATLAS SCHINDLER TRABALHA COM UMA VISÃO DE LONGO PRAZO E DE UMA FORMA MUITO SÓLIDA. A EMPRESA JÁ PASSOU POR DIVERSAS CRISES DO MERCADO BRASILEIRO E PERMANECE ACREDITANDO NO PAÍS. ”

DIRETOR INDUSTRIAL E DE SUPPLY CHAIN DA ATLAS SCHINDLER, JOSÉ JULIO PEREIRA.



PLANTA DE LONDRINA DA ATLAS SCHINDLER. MULTINACIONAL SUÍÇA ANUNCIOU UM INVESTIMENTO DE R\$ 100 MILHÕES NO BRASIL E ACREDITA QUE ESSE CRESCIMENTO SERÁ REFORÇADO COM A RECUPERAÇÃO ECONÔMICA BRASILEIRA.

## Recuperação econômica

“PARA OS NOSSOS PADRÕES, A TAXA DE JUROS ESTÁ BAIXA E TEM POTENCIAL IMPORTANTE PARA MELHORAR A OFERTA DE CRÉDITO.”

FERNANDO SAMPAIO, DIRETOR DE MACROECONOMIA DA LCA CONSULTORES.



“OS INDICADORES MAIS RECENTES DE PRODUÇÃO, CONSUMO E EMPREGO DENOTAM QUE O PIOR JÁ PASSOU E LENTAMENTE TEMOS O INÍCIO DE UMA TÊNUE RECUPERAÇÃO.”



“PARA 2018, A PREVISÃO É DE CRESCIMENTO DE 2,5% PARA O BRASIL, E O PARANÁ DEVE FICAR PRÓXIMO DISSO TAMBÉM, COM ALGO ENTRE 2% E 2,5%.”

JULIO SUZUKI JR., DIRETOR-PRESIDENTE DO IPARDES.



“EM PRINCÍPIO, SEMPRE QUE HÁ CRESCIMENTO NACIONAL, O PARANÁ COSTUMA CRESCER ACIMA DA MÉDIA, MAS EM 2018 ISSO VAI DEPENDER DO TAMANHO DA INFLUÊNCIA DO AGRONEGÓCIO.”

MARCELO PERCICOTTI, GERENTE DE ECONOMIA, FOMENTO E DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA FIEP.



## Influência das eleições

“A PRINCIPAL FONTE DE INCERTEZA É SABER QUANTOS E QUAIS CANDIDATOS À PRESIDÊNCIA LIGADOS À POLÍTICA ECONÔMICA ATUAL VÃO SAIR.”

“SERÁ A OPORTUNIDADE DE APROFUNDAR O DEBATE SOBRE OS RUMOS DA POLÍTICA ECONÔMICA BRASILEIRA.”

ANTONIO CORRÊA DE LACERDA, PROFESSOR DOUTOR E DIRETOR DA FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, CONTÁBEIS E ATUARIAIS DA PUC-SP.

“COM A VITÓRIA DE UM CANDIDATO QUE INSISTA NO AUMENTO DO GASTO PÚBLICO, PODEMOS CAIR NOS MESMOS ERROS QUE NOS LEVARAM À CRISE.”

“SEM UM CONTROLE NOS GASTOS PÚBLICOS, NÃO VAMOS CONSEGUIR UMA TAXA DE JUROS MAIS AMIGÁVEL, COMPROMETENDO INVESTIMENTOS. O PROCESSO ELEITORAL PODE DIFICULTAR A APROVAÇÃO DE MEDIDAS DRÁSTICAS E A RESOLUÇÃO DESSE PROBLEMA.”

novo ciclo de crescimento”, garante. “A Atlas Schindler trabalha com uma visão de longo prazo e de uma forma muito sólida. A empresa já passou por diversas crises do mercado brasileiro e permanece acreditando no País”, conclui.

## O grande fator de incertezas

Se todos os indicadores apontam para uma recuperação da economia em ritmo mais acelerado em 2018, um componente em especial causa preocupação. “A eleição é um fator de grande incerteza para este ano”, afirma Fernando Sampaio, da LCA. “É a principal fonte de incerteza é saber quantos e quais candidatos à presidência ligados à política econômica atual vão sair. Isso porque existe muita fragmentação dos grupos econômicos mais ligados ao modelo atual”, justifica.

Essa fragmentação abre espaço para candidatos com viés mais populista. Há, ainda, a indefinição sobre a permissão ou não da candidatura do ex-presidente Lula. Líder das pesquisas de intenção de voto ao longo de 2017, ele pode ser impedido de disputar o pleito caso sua condenação em processo em que é réu, na Operação Lava-Jato, seja confirmada em segunda instância. Portanto, o quadro eleitoral ainda está bastante indefinido.

“A definição do cenário econômico depende muito do que vai sair do cenário eleitoral”, diz Julio Suzuki Jr., do IpardeS. “Se tivermos um vencedor que sinalize com reformas e uma visão de longo prazo, o crescimento pode ser até maior em 2018. Mas, com a vitória de um candidato que insista no aumento do gasto público, podemos cair nos mesmos erros que nos levaram à crise”, acrescenta.

Marcelo Percicotti, da Fiep, também afirma que o resultado das eleições será decisivo para os rumos do ajuste fiscal do governo, fator essencial para que o País tenha crescimento econômico em longo prazo. “O déficit fiscal ainda é enorme e caminhamos para uma dificuldade muito grande se não houver uma mudança de rumo. Sem um controle nos gastos públicos, não vamos conseguir uma taxa de juros mais amigável, comprometendo investimentos. O processo eleitoral pode difi-

cultar a aprovação de medidas drásticas e a resolução desse problema, com mais vigor, é uma missão que deve ficar para o próximo governo”, analisa.

Mas, se as eleições trazem preocupação, também abrem possibilidades para o país, segundo Antonio Corrêa de Lacerda, da PUC-SP. “Será a oportunidade de aprofundar o debate sobre os caminhos da política econômica brasileira”, afirma. Ele concorda que o cenário eleitoral pode gerar turbulência nos mercados, especialmente pelas especulações sobre possíveis mudanças na política econômica. Porém, mais do que isso, afirma que outros obstáculos, bastante conhecidos dos industriais, devem continuar tendo influência no desempenho da economia. “Os demais fatores de competitividade sistêmica continuam desfavoráveis. É o caso da burocracia excessiva, do custo de infraestrutura e logística, tributação que não estimula a agregação de valor. Tudo isso ainda vai adiar o impulso para uma retomada mais consistente e robusta”, declara. ■

## Previsões para a economia em 2018

Confira a expectativa do mercado para alguns indicadores



TAXA DE CÂMBIO MÉDIA:	R\$ 3,29
SALDO DA BALANÇA COMERCIAL:	US\$ 52,5 bi
INVESTIMENTO DIRETO NO PAÍS:	US\$ 80 bi

\*Fonte: Boletim Focus – Banco Central – 08/12/2017



## TENDÊNCIA

3D CLONER, IMPRESSORA FABRICADA EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON, É VENDIDA EM 60 PONTOS NO PAÍS E VÊ SEU MERCADO CRESCER: RAPIDEZ E QUALIDADE NA HORA DA PROTOTIPAGEM SÃO GARANTIDAS COM O USO DESSE MEIO DE PRODUIR.

# Tudo é possível quando o assunto é a impressão 3D

*O modo de produção em terceira dimensão pode trazer redução de custos e dar poder ao consumidor. O desafio é tornar a produção em escala viável*

por Poliane Brito

Sapatos, tecidos humanos, gabaritos para fabricação de peças industriais, casas construídas em tempo recorde e até mesmo alimentos feitos com base em ingredientes frescos. Não há limites para o que pode ser feito por meio da impressão 3D, um tipo de manufatura aditiva.

## TENDÊNCIA

“ACREDITO QUE TEMOS UM POTENCIAL QUASE QUE IMEDIATO DE ELIMINAR ESTOQUES DE REPOSIÇÃO. COM A IMPRESSÃO, VOCÊ PODE MANTER ARQUIVOS NO COMPUTADOR, E CASO ALGUÉM NECESSITE, VOCÊ PODE PRODUIR.”

LEONARDO DABAGUE, ECONOMISTA E ESPECIALISTA EM INOVAÇÃO NO SEGMENTO.



Crédito: Dabague

Os benefícios do uso desta forma de produzir a longo prazo são muitos e passam pela diminuição de custos e descentralização da produção. “Acredito que temos um potencial quase que imediato de eliminar estoques de reposição. Montadoras e várias outras indústrias são obrigadas por lei a manter peças de reposição. Com a impressão, você pode manter arquivos no computador, e caso alguém necessite, você pode produzir”, explica Leonardo Dabague, economista e especialista em inovação no segmento de impressoras 3D.

Quando todo o potencial deste tipo de manufatura estiver empregado, a indústria chegará na personalização total de tudo que é produzido. No caso da compra de itens do vestuário, por exemplo, imagina-se que haverá apenas showrooms. “Você vai lá, seleciona as suas opções, mede seu corpo, necessidade e recebe na sua casa depois um

produto único, feito exclusivamente para você”, conta Dabague sobre o futuro com a impressão em 3D.

O mesmo poderia ser aplicado a outros segmentos industriais, como o de móveis e eletrodomésticos, que passariam a ser impressos de acordo com as especificações de cada residência. As possibilidades são muitas e o cenário é animador, mas ainda há um longo caminho para a comercialização de produtos desse modo em larga escala.

Veja o infográfico [Potencial de uso da impressão 3D na indústria na página 27](#).

Enquanto toda a potencialidade não é explorada, usos para diminuir custos e ganhar rapidez no processo produtivo e precisão já são realidade na indústria paranaense.

## Imprimir para não falhar

No Oeste do Paraná, a Altiva produz moldes industriais e itens que foram exportados para Uruguai, Estados Unidos e Paraguai. Há 8 anos no mercado, conta com o uso da impressão 3D na busca por redução de tempo e de preço. Mas como qualquer tecnologia, é preciso usar com critério. “Se o cliente já tem algo pronto e só quer reproduzir, não recomendo que ele use a impressão 3D. Essa tecnologia deve ser utilizada principalmente em produtos em desenvolvimento, pois neste caso o investimento nos moldes para adequações é alto”, afirma o sócio-proprietário da indústria, Gabriel Timm Batista.

“COM A TECNOLOGIA, CONSEGUIMOS DIMINUIR, EM MÉDIA, ATÉ 20% DO CUSTO E ENTRE 10 E 30% DO TEMPO DE PRODUÇÃO, DEPENDENDO DO PRODUTO.”

GABRIEL TIMM BATISTA, SÓCIO-PROPRIETÁRIO DA ALTIVA.

“ OS MODELOS FEITOS COM A TECNOLOGIA DA IMPRESSÃO 3D DE PEQUENO E MÉDIO PORTE POSSUEM GRANDE PRECISÃO, COM CUSTO ACESSÍVEL, PODENDO SUBSTITUIR OS MODELOS DE GESSO EM SUA TOTALIDADE EM POUCOS ANOS. ”



SÉRGIO BERNARDES,  
DIRETOR DE  
EDUCAÇÃO GLOBAL  
E PESQUISA DA  
NEODENT.

Quando o assunto é 3D, Batista afirma que tudo é possível. “Hoje todo mundo quer custo baixo e com qualidade, e com a impressão 3D é possível transformar uma ideia em algo tangível. Você imprime, monta, toca, mostra, testa e consegue já identificar possíveis falhas. Com a tecnologia, conseguimos diminuir, em média, até 20% do custo e entre 10 e 30% do tempo de produção, dependendo do produto”, explica.

### Uma nova tecnologia e um novo negócio

No início a ideia era testar um novo meio de produzir. Foi assim que a Schumacher – que desenvolve peças e produtos pneumáticos e hidráulicos – decidiu explorar as possibilidades da impressão 3D e importou um equipa-

mento para prototipação. Mas o aparelho não atendeu à necessidade da indústria e os funcionários viram ali uma oportunidade. “Eles analisaram e não era difícil de construir e operar. Começaram com protótipos e chegaram a um produto final de impressora 3D”, conta Gerson Damke, responsável pela 3D Cloner, um braço da Schumacher que produz impressoras 3D e já tem mais de 60 revendas no país.

O negócio cresce a todo o vapor e a manufatura aditiva também é utilizada pela Schumacher que tem, entre outros negócios, o foco na prototipagem industrial. “Tudo o que é feito na impressão 3D é mais rápido, pois evita retrabalho, porque a gente testa, avalia e evita falhas”, conta Damke que lembra que essa tecnologia é utilizada também na avaliação dimensional e de resistência das peças.

### Mais conforto e precisão

O uso da impressão em 3D também é realidade na área da saúde. A Neodent começou a imprimir guias cirúrgicos feitos com uma resina biocompatível. Outro uso comum da impressora 3D é para a fabricação de modelos de arcadas – substituindo o que é tradicionalmente feito em gesso – e também de alinhadores ortodônticos, coroas provisórias e estruturas para fundição. “Os modelos feitos com a tecnologia da impressão 3D de pequeno e médio porte possuem grande precisão, com custo acessível, podendo substituir os modelos de gesso em sua totalidade em poucos anos”, cita Sérgio Bernardes, diretor de Educação Global e Pesquisa da Neodent. ■

### Potencial de uso da impressão 3D

Listamos os estágios de evolução do uso desta nova tecnologia, conforme sua maturidade.



Fonte: Deloitte University Press |



LEI E TRABALHO

# Mediação e Arbitragem: uma abordagem democrática

*Entenda como algumas empresas estão conseguindo celeridade em causas judiciais, com o apoio das câmaras de arbitragem*

por Juliano Pedrozo

LEI E TRABALHO

Entrar em um conflito é algo que ninguém deseja. Quando se trata de questões envolvendo empresas, a situação pode ser ainda pior, principalmente pelos trâmites burocráticos no judiciário, que podem levar décadas. Rapidez, confidencialidade, especialidade na matéria e abrangência nacional e internacional são algumas das vantagens que empresários encontram ao utilizarem câmaras de arbitragem. Uma de suas características é a possibilidade do acesso democrático aos serviços.

Para a advogada Selma Mendes, autora da pesquisa “Arbitragem em Números e Valores”, existe uma razão para a procura por esse tipo de mecanismo. “O principal motivo é ter pessoas especializadas resolvendo a questão. Considerando que tempo é dinheiro, a arbitragem é instrumento jurídico-financeiro, pois a cláusula compromissória propicia resolver com rapidez”, explica.

Criada em 2005, a Câmara de Arbitragem de Mediação da Federação das Indústrias do Paraná (Camfiop) não tem restrições quanto ao porte da empresa e o setor de atuação de seus clientes. “A única regra é que sejam ações sobre direitos patrimoniais disponíveis, o que abrange praticamente todo tipo de litígio com origem contratual ou com a administração pública”, aponta o presidente da Camfiop, Rafael Munhoz de Mello. A Camfiop conta com 298 árbitros e 67 mediadores com atuação em todo o Estado, a partir da estrutura da Fiep.

Desde a sua criação, a Câmara vem ganhando notoriedade no cenário para administração de conflitos, sobretudo de Parcerias Público-Privadas (PPPs) por causa de um convênio celebrado com o Estado do Paraná. Em 2017, a Camfiop foi indicada como um dos melhores centros de arbitragem do Brasil na edição 2016-2017 do “Leaders League Intelligence Report & Directory Series”. “A Camfiop foi a única instituição paranaense e uma das duas da Região Sul do País recomendadas pela publicação, que possui abrangência internacional”, comemora Munhoz de Mello. ■



RAFAEL MUNHOZ DE MELLO É PRESIDENTE DA CÂMARA DE ARBITRAGEM DE MEDIAÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO PARANÁ (CAMFIEP), QUE DISPONIBILIZA 298 ÁRBITROS E 67 MEDIADORES PARA AUXILIAR EMPRESAS DE TODO O PARANÁ NA ADMINISTRAÇÃO DE CONFLITOS.

“ CONSIDERANDO QUE TEMPO É DINHEIRO, A ARBITRAGEM É INSTRUMENTO JURÍDICO-FINANCEIRO, POIS A CLÁUSULA COMPROMISSÓRIA PROPICIA RESOLVER COM RAPIDEZ. ”

SELMA MENDES, ADVOGADA E AUTORA DA PESQUISA “ARBITRAGEM EM NÚMEROS E VALORES”.

“ A CAMFIEP FOI A ÚNICA INSTITUIÇÃO PARANAENSE E UMA DAS DUAS DA REGIÃO SUL DO PAÍS RECOMENDADAS PELA ‘LEADERS LEAGUE INTELLIGENCE REPORT & DIRECTORY SERIES’, QUE POSSUI ABRANGÊNCIA INTERNACIONAL. ”

RAFAEL MUNHOZ DE MELLO, PRESIDENTE DA CAMFIEP.



### Arbitragem é opção para novas questões trabalhistas

Recentemente, a modernização da legislação trabalhista abriu novas possibilidades para a resolução de conflitos entre empregados e empregadores por meio da arbitragem. Essa é uma das novidades que constam na nova legislação trabalhista, desde que respeitadas algumas particularidades em relação à remuneração do empregado, os termos e a autoria da ação.

Para Selma Mendes, a mudança na legislação abre novas oportunidades no meio. “As empresas entenderam as vantagens em utilizar este procedimento da arbitragem. Pode passar a ser usual, se conseguirmos criar essa cultura. É perfeitamente viável, com setores e pessoas habilitadas, e também com Câmaras independentes”, conta.



### SÉRIE POLO INDUSTRIAL

COM 256 MIL TRABALHADORES EMPREGADOS, INDÚSTRIA MOVELEIRA DO PARANÁ SÓ PERDE PARA SÃO PAULO NO RANKING DE PRODUÇÃO BRASILEIRA.

# Para todos os gostos e bolsos

*Segundo maior produtor de mobiliário do Brasil, Paraná tem produtos de qualidade com diferenciais para atender o consumidor de A a Z*

por *Elvira Fantin*

Formado por 3.131 indústrias, a maior parte de pequeno porte, o polo moveleiro do Paraná é o segundo do Brasil, ficando atrás apenas de São Paulo. As indústrias paranaenses empregam 256 mil trabalhadores e respondem por 14% da produção nacional. Os dados são do Panorama Setorial do Setor Moveleiro, lançado pela Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), em setembro de 2017.

O Paraná é o Estado brasileiro que mais produz móveis para as classes C e D. Por isso, foi um dos setores da indústria estadual que mais se beneficiou com a ascensão destas classes ao mercado consumidor, verificada na última década. Da mesma forma, foi

um dos que mais sofreu quando este aquecimento se revelou insustentável e as vendas recuaram. Algumas indústrias foram desativadas e muitas reduziram turnos de trabalho, passando de três para um turno único.

As maiores concentrações de indústrias do mobiliário estão na Região Metropolitana de Curitiba (RMC) e em Arapongas, no Norte do Paraná. Este último polo é muito forte na produção de móvel seriado em alta escala, produzindo cerca de 10% do mobiliário brasileiro. "O mercado nacional é robusto e há espaço para crescer. O problema hoje é o baixo poder de compra da população por causa do desemprego", afirma Irineu Munhoz, presidente do Sindicato das Indústrias de Móveis de Arapongas (Sima) e coordenador do Conselho Setorial da Indústria Moveleira da Fiep. "A expectativa é de que a retomada do crescimento impulse as vendas", diz.

“ O MERCADO NACIONAL É ROBUSTO E HÁ ESPAÇO PARA CRESCER. A EXPECTATIVA É DE QUE A RETOMADA DO CRESCIMENTO IMPULSIONE AS VENDAS. ”



IRINEU MUNHOZ,  
COORDENADOR  
DO CONSELHO  
SETORIAL DA  
INDÚSTRIA  
MOVELEIRA DA  
FIEP.

De acordo com Munhoz, o setor moveleiro paranaense é bastante versátil, produzindo tanto para as camadas mais populares quanto para atender ao mercado de luxo com itens de alto valor agregado. Produz também mobiliário para o setor corporativo. "É uma das indústrias que mais evoluiu", observa Munhoz. Segundo ele, os modelos têm se modificado por

causa das mudanças dos eletrodomésticos, que demandam móveis diferenciados. A diminuição no tamanho das famílias e, por consequência, no tamanho das moradias também tem demandado um mobiliário cada vez mais compacto e adaptável a pequenas áreas.

Tradicional fabricante de móveis seriados, a Santos Andirá, indústria sediada em Andirá, no Norte do Paraná, foi uma das que sentiu a retração no consumo. "Fomos forçados a retrain a produção em torno de 35%, ajustando os custos fixos", conta José Roberto dos Santos, o conhecido Tim, diretor da empresa. Além disso, a indústria que sempre produziu para a classe C e D passou a diversificar seu portfólio mirando também na classe B. "A partir do segundo semestre de 2017, começamos a perceber uma certa estabilidade e uma tímida retomada do crescimento", conta o empresário.

**A venda é anterior ao design e à produção**

Aurélio Sant'Anna, que preside o Sindicato da Indústria do Mobiliário e Marcenaria do Estado do Paraná (Simov), diz que um dos grandes erros das empresas é pensar excessivamente na produção, negligenciando as estratégias de vendas. "A estratégia comercial é que define tudo. Ela é anterior ao design, à inovação e à produção", destaca. Segundo ele, se hoje vemos indústrias com capacidade ociosa é porque não temos problema de produção. "A crise é nacional e atinge especialmente as indústrias menos preparadas. As empresas que tiverem a melhor estratégia vão ficar com o mercado que sobrar depois da crise", pontua.

“ A ESTRATÉGIA COMERCIAL É QUE DEFINE TUDO. ”

AURÉLIO SANT'ANNA, PRESIDENTE DO SINDICATO DA INDÚSTRIA DO MOBILIÁRIO E MARCENARIA DO ESTADO DO PARANÁ (SIMOV).

“ NÃO VAI MAIS FUNCIONAR BAIXAR O PREÇO. O PRODUTO SÓ SERÁ VENDIDO SE FOR ATRATIVO PARA O CONSUMIDOR. ”

MARCELO PRADO, DA CONSULTORIA INTELIGÊNCIA DE MERCADO .

A mesma linha de raciocínio tem Marcelo Prado, da consultoria Inteligência de Mercado (IEMI), que conduziu uma pesquisa sobre o setor. Segundo ele, o preço do produto não deve mais ser o principal fator para a compra. "Não vai mais funcionar baixar o preço. O produto só será vendido se for atrativo para o consumidor", defende. De acordo com ele, será preciso repensar o modelo de negócio. "Não vamos superar a crise oferecendo mais do mesmo e mais barato. Isso não vai dar lucro a ninguém. Temos que, acima de tudo, encantar o consumidor com algo que seja nosso e que seja diferente".

A projeção do IEMI é que até 2021 haja um crescimento do setor de 19%, voltando então aos patamares de 2013. Para um crescimento sus-

“ AQUI A GENTE FABRICA O SONHO DAS PESSOAS E O NOSSO CLIENTE PERCEBE O VALOR DISSO. ”

RODOLPHO GUTIERREZ, UM DOS PROPRIETÁRIOS DA MARCENARIA BOULLE, DE CURITIBA, ESPECIALISTA EM MÓVEIS PRODUZIDOS A PARTIR DE MADEIRA NOBRE.

## O diferencial da madeira nobre

Focar num nicho de mercado e trabalhar com produtos diferenciados e exclusivos é o segredo do sucesso da Boulle, marcenaria com sede no bairro de Santa Felicidade, em Curitiba. Ugo Gutierrez e os dois filhos, Ugo e Rodolpho, trabalham há 17 anos apenas com madeiras nobres, todas com origem sustentável, especialmente imbuia, peroba-rosa e sassafrás. Eles agregam ao rústico a sofisticação de um fino acabamento, o que confere um charme especial às peças únicas. Pés de mesas feitos a partir de troncos de árvores remanescentes de queimadas, mesas inteiras produzidas a partir de uma tora de imbuia centenária, além de esculturas, são algumas das peças que podem ser encontradas na marcenaria.

O nome é homenagem a André-Charles Boulle, mestre da marcenaria fina, que viveu de 1642 a 1732. Em Santa Felicidade, a família Gutierrez mantém junto à marcenaria um pequeno showroom. O local é muito procurado por arquitetos que desenvolvem projetos exclusivos para seus clientes e buscam nas peças diferenciadas o detalhe final que confere personalidade a seus ambientes. Além dos móveis exclusivos, um dos produtos desenvolvidos pela Boulle vem conquistando o mercado internacional. É a lareira LUG, uma estrutura portátil feita de madeira com interior de alumínio. A peça representou o Brasil nas feiras de Milão e Montreal.





Crédito: Getson Bampi

tentado, Prado defende investir em novas regiões de consumo, atuar em vários pontos de contato com o consumidor e oferecer produtos com maior potencial. O crescimento deve partir, segundo ele, das classes média e média alta, parcela que parou de consumir primeiro com a crise econômica dos últimos anos no Brasil. “Será a primeira a voltar a comprar e deve gerar o movimento de retomada de crescimento”, acredita.

Perceber a necessidade do consumidor e buscar atendê-la da melhor forma é a estratégia da Funcional Móveis Corporativos, de Curitiba. Enquanto alguns de seus concorrentes fecharam as portas durante a crise, a Funcional fez um esforço para continuar e a chave foi oferecer mais sem majorar os preços. “Teve época que as pessoas exigiam qualidade e inovação e pagavam por isso. Com a crise os nossos consumidores continuaram com o mesmo nível de exigência, mas não estavam mais dispostos e nem podiam pagar pelo diferencial de qualidade”, diz Helder Dias, diretor da empresa.

Ele conta que o caminho foi trabalhar a motivação da equipe e

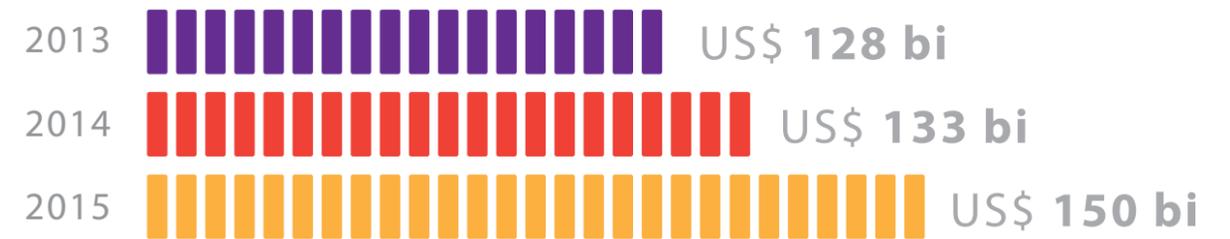
buscar o engajamento para conseguir ganhos de produtividade e qualidade sem ter que cobrar mais por isso. Ter um mercado cativo e consumidores fiéis que conhecem a qualidade da marca também fez toda a diferença para a indústria na hora de atravessar a crise. “Se não fosse a crise teríamos crescido, mas pelo menos conseguimos permanecer estáveis”, afirma Dias. ■

### O SETOR EM NÚMEROS (\*)

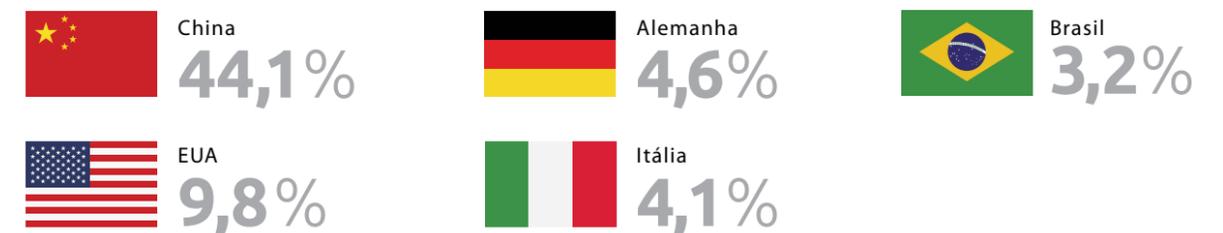
	<b>3.131</b> indústrias
	<b>256 mil</b> empregos
	<b>14%</b> da produção nacional

FORNE: GERÊNCIA DE ECONOMIA, FOMENTO E DESENVOLVIMENTO DA FIEP

### Evolução das exportações brasileiras



### Principais produtores mundiais (em valor de produção)



Fonte: Gerência de Economia, Fomento e Desenvolvimento da Fiep

ESPECIALIZADA EM MÓVEIS CORPORATIVOS, A FUNCIONAL, DE CURITIBA, PREFERIU AGREGAR QUALIDADE E INOVAÇÃO A SEUS PRODUTOS SEM ELEVAR O PREÇO E A ESTRATÉGIA FEZ COM QUE SOBREVIVESSE À CRISE QUE FEZ O SETOR DIMINUIR NOS ÚLTIMOS ANOS.



Crédito: Divulgação

INDÚSTRIA EM REVISTA

# Começando bem

RECURSOS HUMANOS

*Que tal aproveitar o começo do ano para adotar novos hábitos? Mudanças simples na alimentação podem mudar a qualidade do sono de trabalhadores e empresários*

por Denise Morini

O começo de ano costuma ser um período em que traçamos novos planos e realinhamos rotas. É geralmente uma fase de recontratar algumas velhas promessas – que quase sempre incluem hábitos mais saudáveis. Melhor ainda se houver um empurrãozinho do local de trabalho. Se é bom para o colaborador, melhor ainda para a empresa. Em 2016, o Instituto de Estudos de Saúde Suplementar (IESS) afirmou que as empresas que investiam em programas de saúde e bem-estar podiam chegar a ter um crescimento até 5% superior a outras, que não se voltaram para este tema.

Há uma série de estatísticas online que só reforçam a ideia de que investir em saúde dentro da empresa gera sempre os melhores resultados. Há uma corrente mais recente que garante que – muito além do ROI, o retorno sobre investimento – os programas de saúde podem ser avaliados pela questão financeira e principalmente pela retenção de talentos e engajamento dos trabalhadores.

“OS EMPRESÁRIOS ESTÃO DESCOBRINDO OUTRAS VANTAGENS ASSOCIADAS AOS PROGRAMAS DE SAÚDE NO LOCAL DE TRABALHO, COMO COMPROMETIMENTO DOS BENEFICIADOS COM A ORGANIZAÇÃO.”



ALBERTO OGATA, DIRETOR CIENTÍFICO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE QUALIDADE DE VIDA (ABQV).

É o que garante o diretor científico da Associação Brasileira de Qualidade de Vida (ABQV), Alberto Ogata, ao citar especialistas do setor. “Dois dos principais pesquisadores em avaliação de saúde em todo o mundo, Ron Goetzel e Enid Roemer, afirmam que os empresários estão descobrindo outras vantagens associadas aos programas de saúde no local de trabalho, como comprometimento dos beneficiados com a organização, sobretudo em relação a programas que deixaram de ser centrados no individual e passaram a ser mais abrangentes e integradores. Com essa nova abordagem, os trabalhadores estão percebendo o valor sobre o investimento, ou VOI”, explica o especialista.

O Sesi Cuide-se + também identificou que a eficiência dos programas cresce quando há integração – de propostas e de pessoas – e a partir desse novo cenário criou um programa que coloca os participantes em uma rotina de promoção

da saúde, com tarefas e metas, como em um game com foco no estímulo à atividade física e aplicativo que leva desafios e que estimula uma competição saudável entre equipes. “Estamos apostando na gamificação como atrativo extra para os trabalhadores. Acreditamos que essas tecnologias favorecem a adesão, porque há muita troca entre os participantes e, com isso, um estimula o outro a avançar nas etapas e, consequentemente, na cultura de hábitos mais saudáveis, como beber mais água, praticar atividades físicas e ter uma alimentação equilibrada”, conta Aline Lima, coordenadora técnica de Negócios do Sesi no Paraná.

“Estamos introduzindo essa tecnologia no Paraná e com certeza a combinação de práticas saudáveis com as tarefas de um game vai ganhar a preferência dos trabalhadores, que vão se divertir enquanto se exercitam em uma rede de interação. Ter o apoio de um grupo é fundamental para que metas sejam atingidas e até superadas. E essa nova cultura impacta também o engajamento e a produtividade no ambiente de trabalho”, aposta a coordenadora, que conta que as práticas de ginástica laboral também ganham uma nova versão nessa nova fase, mais tecnológica. O professor passa a atender de forma inovadora, através de uma tecnologia de transmissão de aulas em tempo real.

“TER O APOIO DE UM GRUPO É FUNDAMENTAL PARA QUE METAS SEJAM ATINGIDAS E ATÉ SUPERADAS.”



ALINE LIMA, COORDENADORA TÉCNICA DE NEGÓCIOS DO SESI-PR.



O PROGRAMA DE ALIMENTAÇÃO BALANCEADA ADOTADO PELA COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL NOVA PRODUTIVA DUROU 8 MESES. AO FINAL, SEUS 75 COLABORADORES PERDERAM JUNTOS 300 QUILOS.

Crédito: Divulgação

A Cooperativa Agroindustrial Nova Produtiva, que tem como missão promover o bem-estar dos cooperados e colaboradores, decidiu investir em um programa de alimentação balanceada, com duração de oito meses. De acordo com a psicóloga de Desenvolvimento Humano da cooperativa, Tais Busíquia, havia uma demanda do departamento médico para o cadastramento de um nutricionista que pudesse atender aos colaboradores. “Recebemos a visita do Cuide-se + Alimentação Saudável - Cozinha Brasil e percebemos que poderíamos suprir essa necessidade de orientação nutricional com a contratação de um serviço especializado.”

Localizada no município de Astorga, a cooperativa dividiu seus 75 colaboradores em dois grupos – um que ficava na sede da empresa e outro na destilaria. Os “times” trocaram receitas saudáveis e melhores práticas pelo WhatsApp. “O grupo inclusive chamava atenção quando alguém estava abusando de

alimentos ou bebidas calóricas”, conta a psicóloga. O trabalho revelou que o envolvimento das lideranças faz toda a diferença para o bom resultado do programa. “Na sede, os colaboradores frequentemente não eram dispensados pelos gestores para participar das oficinas e palestras. Já na destilaria, havia um gerente de produção participando do time, isso fez com que ele incentivasse seus colaboradores a participarem de todas as atividades em grupo, o que trouxe melhores resultados para a equipe”, lembra Busíquia.

Os ótimos resultados foram comemorados com festa. Alguns colaboradores chegaram a perder 12 quilos e houve relatos de maior conforto para sintomas relacionados à gastrite, insônia, refluxo gastroesofágico, hábito intestinal e maior disposição para o trabalho. Alguns participantes do programa conseguiram diminuir a dosagem de medicamentos para hipertensão e diabetes, por causa das adequações feitas na alimentação.

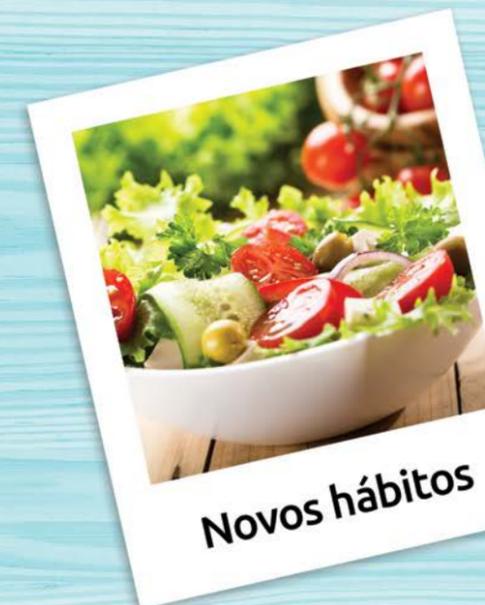


Crédito: Divulgação

Ao final do programa Cuide-se + Alimentação Saudável, a empresa decidiu celebrar os resultados. A equipe do Sesi enviou para a Nova Produtiva uma lista com alimentos e receitas do Cozinha Brasil. Cada colaborador escolheu um alimento ou receita e levou para compartilhar com todos os participantes, em uma grande mesa. Além disso, os colaboradores puderam sentir nas mãos o tanto de peso perdido durante o programa: eles foram incentivados a entregar na empresa alimentos não perecíveis na quantidade correspondente ao que perderam – um total de mais de 300 quilos, que foi dobrado pela cooperativa. Os 600 quilos de alimentos arrecadados com o programa renderam ainda uma ação social. A Nova Produtiva montou cestas e repassou os alimentos e livros de receitas do Cozinha Brasil a famílias da comunidade. “O projeto nos conectou ainda mais à nossa missão e ficamos muito satisfeitos com a sensação de pertencimento e felicidade que conseguimos gerar aqui. Agora, queremos levar isso a toda nossa comunidade”, planeja a psicóloga da cooperativa, que já tem novas turmas atendidas pelo programa. ■

“ O PROJETO NOS CONECTOU AINDA MAIS À NOSSA MISSÃO E FICAMOS MUITO SATISFEITOS COM A SENSAÇÃO DE PERTENCIMENTO E FELICIDADE QUE CONSEGUIMOS GERAR AQUI. ”

TAIS BUSÍQUIA, PSICÓLOGA DA COOPERATIVA AGROINDUSTRIAL NOVA PRODUTIVA.



**Novos hábitos**



**Acompanhamento**



**Orientação**

# Aprendizagem abre os caminhos para a profissão

*Formação técnica e profissional permite condição de vida melhor*

por *Cristina Demarche*



A legislação trabalhista determina que o aprendiz é o jovem com idade entre 14 e 24 anos, inscrito em programas de aprendizagem e que pode ser contratado por empresas que assegurem sua formação técnica e profissional.

Jackson Matheus de Medeiros é um dos cerca de 13 mil aprendizes que, por meio do Sistema Fiep, buscam capacitação para entrar no mercado de trabalho e, com ela, uma condição de vida melhor. Aos 18 anos, acaba de concluir o curso de Aprendizagem em Assistente Administrativo, oferecido pelo Senai no Paraná, em parceria com uma empresa de grande porte do setor de alimentos.

O final dessa etapa vem com a sinalização, pela empresa, de

“É GRATIFICANTE PERCEBER O APRENDIZADO, O DESENVOLVIMENTO DO JOVEM SE TRANSFORMANDO EM PROFISSIONAL E, POSTERIORMENTE, EM COLEGA DE TRABALHO.”

FÁBIO SILVEIRA, CHEFE DE TREINAMENTO TÉCNICO DA BOSCH EM CURITIBA.

uma contratação. “Se isso se confirmar, vai me ajudar a pagar a faculdade de Administração de Empresas que quero cursar em 2018”, afirma, já fazendo planos de abrir o próprio negócio no futuro. Com o salário da Aprendizagem, Jackson ajuda a família pagando a conta de luz e suas próprias despesas.

## Mundo do trabalho

Para a gerente de Educação Profissional do Sistema Fiep, Vanessa Sorda Frason, a aprendizagem permite que o jovem desenvolva as capacidades técnica e de gestão, que serão utilizadas durante toda a sua vida profissional. “Nesse programa ele tem todo o acompanhamento para que seja um profissional de acordo com as necessidades do mundo do trabalho.” Vanessa acrescenta que a aprendizagem é a porta de entrada para esse mundo, já que os jovens aprendem uma profissão, são inseridos no mercado de trabalho e recebem os primeiros salários.

Para a empresa que contrata esses aprendizes há oportunidade de capacitar os futuros profissionais que vão contribuir com a inovação e melhoria da companhia. Fábio Silveira, chefe de treinamento técnico da Bosch em Curitiba, assegura que a empresa enxerga como estratégia a capacitação de mão de obra qualificada. Segundo ele, a Bosch contrata cem por cento dos aprendizes que ajuda a capacitar. “É gratificante perceber o

aprendizado, o desenvolvimento do jovem se transformando em profissional e, posteriormente, em colega de trabalho”, diz.

Vanessa confirma que as empresas que contratam os aprendizes têm muito a ganhar. “A mão de obra é qualificada, a grade curricular garante o desenvolvimento completo dos estudantes, a troca de experiências entre professores e alunos enriquece as soluções aplicadas nas empresas, o acompanhamento pedagógico garante o comportamento exigido para as funções. Além disso, os contribuintes do Sistema S têm a vantagem de não ter custo adicional. Apenas, as referentes ao salário, 13º e férias”, completa.

### Parceria de respeito

“A parceria entre a Bosch e o Senai se solidifica a cada ano com grande respeito mútuo”, diz Silveira. De acordo com ele, a Bosch tem hoje cerca de cem aprendizes nas áreas administrativa e técnica. Todos em parceria com o Senai.

Os cursos oferecidos para a Aprendizagem são em diversas áreas industriais, com duração que varia de um a dois anos, período que coincide com o contrato de trabalho. O Senai pode ajudar a empresa no recrutamento dos jovens e, para indústrias com mais de 20 aprendizes, é possível que sejam criadas turmas customizadas que atendam às necessidades da organização.

Os candidatos que têm a idade estipulada, aprovados na seleção, podem então ser contratados como aprendizes. A exceção é para as Pessoas com Deficiência (PcD), para quem não existe limite máximo de idade para contratação. Todas as empresas brasileiras de médio e grande porte possuem cotas para a contratação de aprendizes, sendo que o percentual mínimo de contratação é de 5% e o máximo é 15%, calculados sobre os cargos que não exijam formação superior ou técnica, excluindo-se também os cargos de direção, os terceirizados e os temporários. ■

“ A MÃO DE OBRA É QUALIFICADA, A GRADE CURRICULAR GARANTE O DESENVOLVIMENTO COMPLETO DOS ESTUDANTES, A TROCA DE EXPERIÊNCIAS ENRIQUECE AS SOLUÇÕES APLICADAS NAS EMPRESAS, O ACOMPANHAMENTO PEDAGÓGICO GARANTE O COMPORTAMENTO EXIGIDO PARA AS FUNÇÕES. ”



VANESSA SORDA FRASON, GERENTE DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO SISTEMA FIEP.

Para saber mais sobre a Aprendizagem, acesse :

[senai.com.br/aprendizagem](http://senai.com.br/aprendizagem)



JUANITO E CARLOS NASCERAM NOS ESTÚDIOS PARANAENSES E ESTRELAM SÉRIE DE ANIMAÇÃO EXIBIDA EM MAIS DE 20 PAÍSES.

## Feitos no Paraná, conhecidos no mundo

*Criados, desenvolvidos, fabricados e comercializados por paranaenses, produtos de alta performance e qualidade peculiar conquistam grandes marcas e ganham espaço no mercado internacional*

por Edilane Marques



FERNANDO MACEDO E EQUIPE MOSTRAM A CRIATIVIDADE BRASILEIRA PARA CRIANÇAS DO MUNDO INTEIRO.

O que têm em comum um Fusca, um desenho da Disney e uma poltrona? Muitos podem pensar na animação "Carros", da Pixar. Ou então no filme "Se meu fusca falasse". Mas não, os três têm em comum um "pitaco" da terra das Araucárias, carregam o toque paranaense. Eles venceram a tarefa árdua de conquistar espaço no mercado externo. Para chegar lá, além de esbarrar nos entraves já conhecidos – como logística, Custo Brasil, carga tributária –, é preciso derrotar a concorrência de alto nível e vencer a resistência às novas criações.

Mas nada disso intimidou o publicitário Fernando Macedo, que voltou de uma pós-graduação em cinema e animação no Canadá com o sonho de criar a "Pixar brasileira". Em 2005 abriu a SPIRIT Animation Studios, especializada em produções 2D e 3D, concept arts e storytelling, e decidiu colocar em prática uma ideia cultivada há anos. Em três meses de trabalho com a equipe, Macedo produziu um piloto de dois minutos que contava a história de Juanito e seu aliado Carlos, que vivia na mente do garotinho e o ajudava a se livrar dos vilões, que surgiam como tentações às comilanças nada saudáveis.

"Todo mundo diz que sua ideia é única e incrível, mas isso não é o suficiente. É preciso mostrar como ela é única e incrível", diz o publicitário. E ele mostrou. A ideia caiu nos gostos da Disney e hoje a Carlos \*Série Animada é totalmente produzida pela SPIRIT Animation e exibida diariamente no canal Disney XD, alcançando milhões de crianças em mais de 20 países. "Nosso objetivo sempre foi este: criar para o mercado global. Para isso é preciso muito suor, dedicação, talento, know-how, conhecimento, investimento, seriedade e comprometimento."

Segundo ele, outro empecilho era a má fama dos brasileiros lá fora. Mas isso vem mudando. "O Brasil está sendo reconhecido porque mais e mais produções de qualidade saem daqui. Como o 'Menino e o Mundo', longa nomeado ao Oscar. Com uma elevação na consciência e atitude brasileiras e produções de qualidade e respeito, aos poucos mudaremos esta visão global e nos aproximaremos da seriedade e rentabilidade da indústria norte-americana." Macedo defende que para melhorar ainda mais o cenário, é preciso que os profissionais se especializem e que haja mais incentivo por parte



“ NOSSO OBJETIVO SEMPRE FOI ESTE: CRIAR PARA O MERCADO GLOBAL. PARA ISSO É PRECISO MUITO SUOR, DEDICAÇÃO, TALENTO, KNOW-HOW, CONHECIMENTO, INVESTIMENTO, SERIEDADE E COMPROMETIMENTO. ”

FERNANDO MACEDO, CRIADOR DA SPIRIT ANIMATION STUDIOS E IDEALIZADOR DA ANIMAÇÃO CARLOS @SÉRIE ANIMADA.

dos governos. "Tudo é possível, basta ir atrás com seriedade, persistência e muita paixão", conclui.

E paixão foi o gancho para que uma indústria paranaense também ficasse conhecida fora do País. A AutLinea, pertencente ao Grupo Hübner, soube pegar uma carona nesse

sentimento entre colecionadores de carros antigos, mais especificamente os aficionados, no Brasil e no mundo, por Fuscas, Kombis e outros modelos produzidos no passado pela Volkswagen. No início de 2000 passou a fornecer cabeçotes e carcaças originais aplicáveis aos motores a ar da Volkswagen. Com o tempo, tornou-se referência mundial entre esse grupo seletivo.

De acordo com Nelson Hübner, proprietário do Grupo Hübner, a empresa aproveitou a expertise já existente no grupo para realizar melhorias na linha original da VW. "Hoje nós oferecemos diversas soluções para a linha de motores, além de termos fundição e usinagem próprias, o que nos dá flexibilidade para oferecer opções exclusivas", conta. O empresário afirma ainda que apesar de ser um produto que atende uma linha de motores clássicos, a AutoLinea tem aprimorado a produção. "Fornecemos para o mercado OEM\* e reposição e também para o mercado mundial de alta performance", acrescenta. Os blocos e cabeçotes da AutoLinea são produzidos com liga especial de alumínio e os modelos variam de

PEÇAS PARANAENSES PARA VEÍCULOS ANTIGOS VW RODAM POR ESTRADAS DOS MAIS DIFERENTES PAÍSES.



\*OEM é a sigla de Original Equipment Manufacturer, ou "Fabricante Original do Equipamento", em português. OEM são produtos fabricados especialmente para grandes empresas, não são destinados ao consumidor final e por isso geralmente possuem um custo bastante inferior aos encontrados nas lojas.



NELSON HÜBNER, PROPRIETÁRIO DO PARANAENSE GRUPO HÜBNER, QUE FORNECE PARA O MERCADO MUNDIAL DE ALTA PERFORMANCE.

1.300 cc a 2.500 cc sem necessidade de retrabalho. Outro diferencial são as paredes reforçadas que suportam potências próximas aos 1.000 CV. Tais diferenciais tornaram a empresa referência em países como Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica, Alemanha, México, entre outros.

Outro produto de destaque internacional e fabricado em partes no Paraná é a poltrona Mole, do arquiteto e designer Sérgio Rodrigues, grande expoente do design no mundo, que marcou época ao romper com os padrões do sentar comportado e elegante, antecipando a tendência por conforto e ergonomia nos móveis. A Poltrona Mole, criada em 1957, é sua criação mais famosa e mais premiada entre os mais de 1.200 projetos, sendo a maioria de cadeiras. A LinBrasil, empresa de Gisèle Pereira Schwartsburd, é a única autorizada a reproduzir uma linha de móveis do arquiteto, composta por 56 peças.

Paulista de nascença, Gisèle veio com a família para o Paraná quando o pai abriu uma fábrica de móveis, a Decormade, hoje dirigida pelo irmão da empresária. Depois de ficar 20 anos afastada do setor moveleiro, Gisèle passou a trabalhar com a empresa do pai na década de 1990, quando em uma exposição conheceu a poltrona Mole, já famosa no mundo

“HOJE NÓS OFERECEMOS DIVERSAS SOLUÇÕES PARA A LINHA DE MOTORES A AR DA VOLKSWAGEN, ALÉM DE TERMOS FUNDIÇÃO E USINAGEM PRÓPRIAS, O QUE NOS DÁ FLEXIBILIDADE PARA OFERECER OPÇÕES EXCLUSIVAS.”

inteiro. “Na época me perguntei por que as peças não estavam nas vitrines do Brasil. E algo dentro de mim disse: ‘ninguém está fazendo? Faça você!’. Aí decidi procurar o Sérgio Rodrigues e mergulhei mais profundamente na obra dele, porque ele confiou em mim e me deu a licença para fabricar a linha”, conta.

Gisèle se considera uma editora dos móveis, pois diz que manda “imprimir” as peças em parceiras que fabricam os produtos em uma cadeia produtiva que funciona há 15 anos. “Uma indústria de Santa Catarina fabrica uma parte



das peças e a Decormade fabrica outra aqui em Curitiba. Eu cuido da qualidade, do aperfeiçoamento dos acabamentos, estou sempre em parceria com as fábricas”, afirma. As madeiras utilizadas são a tauari para o mercado interno e a faia para os móveis de exportação, pois se adequa melhor ao clima do hemisfério norte.

Além de produzir os almofadões para a poltrona Mole, a Decormade produz outras peças da linha, como a estrutura da poltrona Moleca. As peças fabricadas e montadas no Paraná estão à venda em lojas nas principais capitais

“A GENTE ESTÁ CRIANDO UMA HISTÓRIA DO MÓVEL BRASILEIRO, POIS REALMENTE EXISTE UMA RAIZ, UM FEELING NO DESIGN NACIONAL QUE SE DIFERENCIA DE TODO O RESTO DO MUNDO.”

GISÈLE PEREIRA SCHWARTS BURD, EMPRESÁRIA, RESPONSÁVEL POR EXPORTAR A PREMIADA POLTRONA MOLE.

POLTRONA MOLE DE SÉRGIO RODRIGUES PRODUZIDA E MONTADA NO PARANÁ MUDOU O CONCEITO DE DESIGN NO EXTERIOR.





brasileiras. A empresária diz que graças a Sérgio Rodrigues, muitos designers brasileiros foram bem recebidos no exterior. “A gente está criando uma história do móvel brasileiro, pois realmente existe uma raiz, um feeling no design nacional que se diferencia de todo o resto do mundo”. Assim como Macedo, Gisèle afirma que esse setor só não se destaca mais fora do País pelo Custo Brasil, já que os maquinários são caros e os impostos são altos. “A indústria brasileira se mantém pelo amor dos industriais e não para o lucro, essa é a realidade. Mas a gente está abrindo o caminho e acho que é benéfico, então vamos em frente”, conclui. ■

“ A INDÚSTRIA BRASILEIRA SE MANTÉM PELO AMOR DOS INDUSTRIAIS E NÃO PARA O LUCRO, ESSA É A REALIDADE. ”

GISÈLE PEREIRA SCHWARTSBURD, EMPRESÁRIA, RESPONSÁVEL POR EXPORTAR A PREMIADA POLTRONA MOLE.

A FÁBRICA DE MÓVEIS DECORMADE, DA EMPRESÁRIA GISÈLE PEREIRA SCHWARTSBURD, FABRICA A POLTRONA MOLE E A ESTRUTURA DA POLTRONA MOLECA COM O CUIDADO DE USAR MADEIRAS IDEAIS PARA O CLIMA DO HEMISFÉRIO NORTE.



## ESPECIAL PORTUGAL:

### Sustentabilidade

Representantes do Instituto Paranaense de Reciclagem (InPAR) participaram da V Edição da Missão Benchmarking Internacional Resíduos Sólidos Portugal. A viagem foi organizada pela Federação das Indústrias do Paraná (Fiep) e teve como objetivo a troca de experiências sobre a gestão de descartes e de meio ambiente.

O grupo teve como participantes o presidente do Sistema Fiep, Edson Campagnolo, o presidente do InPAR e do Sindicato das Indústrias de Cacau e Balas, Massas Alimentícias e Biscoitos, de Doces e Conservas Alimentícias do Estado do Paraná (Sincabima), Rommel Barion, o presidente do Instituto de Logística Reversa (Ilog), Nilo Cini Junior, o presidente do Sindicato das Indústrias de Papel e Celulose do Paraná (Sinpacel), Rui Brandt, o presidente do Sindicato das Empresas de Eletricidade, Gás, Água, Obras e Serviços do Estado do Paraná (Sineltepar), Miguel Angelo Mores, e o presidente do Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas do Estado do Paraná (Sinqfar), Marcelo Melek. Na foto, Nilo Cini Junior, Rommel Barion, Rui Brandt e Marcelo Melek.



### O mundo em rede

Industriais de Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) de todo o Brasil participaram da Web Summit, considerada a maior conferência de tecnologia e inovação do mundo. A delegação brasileira, liderada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações (Apex-Brasil), teve 27 empresas de startups de quatro estados brasileiros, além do Paraná – Distrito Federal, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul. A Web Summit reúne representantes de gigantes da internet, como Google, Microsoft, Uber, Booking, além de autoridades internacionais e ativistas. Além de rodadas de negócios, a conferência também é um espaço de debate para a relação entre políticas públicas e o desenvolvimento de tecnologia. O Paraná foi representado pelos industriais Marcus Friedrich Von Borstel, da Mabtec Tecnologia em Sistemas, e Jeison Arenhart de Bastiani, da Forlogic.



### Indústria em foco

Os 15 melhores trabalhos jornalísticos sobre a indústria do Paraná publicados ou veiculados na imprensa entre 2016 e 2017 foram premiados na noite de 28 de novembro pelo Sistema Federação das Indústrias do Paraná (Sistema Fiep). Em sua quarta edição, o Prêmio Sistema Fiep de Jornalismo recebeu um número recorde de inscrições. Foram 124 trabalhos inscritos em cinco categorias (fotojornalismo, internet, jornalismo impresso, reportagem de rádio e reportagem de TV). Foram distribuídos R\$ 60,5 mil em prêmios. Na foto, todos os jornalistas premiados na 4ª edição do Prêmio Sistema Fiep de Jornalismo.





### Casas da Indústria

Sindicatos industriais do Paraná já podem contar com uma infraestrutura completa para atendê-los. Em novembro último, a Fiep inaugurou a Casa da Indústria de Curitiba, completando, assim, as 11 Casas da Indústria instaladas no Estado. Além da capital, contam com a estrutura as cidades de Londrina, Maringá, Apucarana, Cascavel, Pato Branco, Francisco Beltrão, Guarapuava, Rio Negro, Irati e Ponta Grossa.

As estruturas são compostas por salas de reuniões e auditórios equipados e, muitas vezes, abrigam sedes de sindicatos locais que não possuem endereço próprio. No total, 37 sindicatos utilizam as casas como sedes. São espaços compartilhados que funcionam no modelo de condomínio sindical. O objetivo é racionalizar custos e fortalecer o associativismo e as indústrias das regiões.

### Modernização Trabalhista

Sessenta e sete sindicatos industriais de todas as regiões do Paraná foram atendidos de agosto a outubro de 2017 com a realização de workshops sobre a modernização trabalhista. Foram 25 eventos que reuniram 1.050 participantes, a maioria industriais, advogados e profissionais de Recursos Humanos. O objetivo foi esclarecer dúvidas sobre as mudanças na legislação e orientar sobre como aplicar a nova lei, evitando passivos trabalhistas. A Lei nº 13.467/2017 está em vigor desde o dia 11 de novembro de 2017.



### Sindicatos têm nova diretoria

Oito sindicatos industriais elegeram novas diretorias nos últimos três meses. São eles, Madeira e Móveis de Imbituva (presidente José Rosalvo Bobato), Madeiras e Movelarias do Sudoeste (presidente Cesar Spanhol), Serrarias de União da Vitória (presidente Fabrício Moreira), Madeira de Guarapuava (presidente João Paulo Drewinski), Borracha (presidente Celso Luiz Dalla Grana), Carpintaria, Lâminas e Marcenarias de Palmas (Roni Junior Marini), Panificação de Campos Gerais (Ronaldo José Lupepsa) e Reparação de Veículos de Bandeirantes (Vicente Roque da Rosa Filho).



REPRESENTATIVIDADE  
Isto significa  
segurança.

A Fiep representa a indústria paranaense para você ter a segurança de que os interesses da sua empresa serão defendidos. Quando você integra o Sistema Indústria, conta com:

**Sindicato Patronal + Federação das Indústrias do Estado do Paraná - Fiep + Confederação Nacional da Indústria - CNI**, trabalhando pela sustentabilidade e desenvolvimento da sua indústria.

**Faça parte!**

**[industriaforteparana.com.br](http://industriaforteparana.com.br)**

nosso **i** é de **indústria.**

Sistema Fiep **FIEP**

# SOLUÇÕES EM EDUCAÇÃO SISTEMA FIEP

A MELHOR ESCOLHA PARA TODAS  
AS ETAPAS DA SUA VIDA.

Todos os anos o Sistema Fiep **prepara milhares de alunos** para **grandes desafios**. Nossa tradição não é apenas formar profissionais preparados para o mercado: é também formar uma **geração de protagonistas**, com autonomia para **descobrir, criar e multiplicar conhecimentos** em todas as **etapas da vida**.

## MATRÍCULAS 2018 ABERTAS



EDUCAÇÃO  
INFANTIL E  
FUNDAMENTAL



ENSINO MÉDIO E  
INTERNACIONAL



CURSOS LIVRES  
E ENSINO TÉCNICO



GRADUAÇÃO,  
PÓS-GRADUAÇÃO E  
EDUCAÇÃO EXECUTIVA

nosso **i** é de **indústria**.

Sistema  
Fiep

FIEP
SESI
SENAI
IEL